

## **PROGRAMA EMPREENDEDORISMO-ESCOLA: INFLUENCIANDO A UNIVERSIDADE POR MEIO DO TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**

***ENTREPRENEURSHIP-SCHOOL PROGRAM: INFLUENCING THE UNIVERSITY THROUGH THE  
TRIPOD OF TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION***

DOI: <http://dx.doi.org/10.13059/racef.v7i1.189>

**Luciane Meneguim Ortega<sup>a</sup>**

<sup>a</sup> Luciane Meneguim Ortega

luciane.ortega@usp.br

Docente da Universidade de São Paulo e Vice-coordenadora da Agência USP de Inovação

**Palavras-chave:**

Empreendedorismo, instituição de ensino, ensino, pesquisa, extensão.

**Keywords:**

Entrepreneurship, school, teaching, research and extension.

**Resumo** Partindo do princípio que a universidade tem como missão essencial retornar à sociedade o saber que dela se origina, temas por vezes oriundos da sociedade ou por vezes do meio acadêmico, refletem no tripé ensino, pesquisa e extensão da Universidade, impulsionando assim, novas reflexões e ações. O presente artigo aborda, por meio de um estudo de caso realizado em uma Universidade Pública Brasileira, as maneiras pelas quais a cultura do empreendedorismo vem sendo disseminada e, as ações em prol do empreender no tripé ensino, pesquisa e extensão, que veem sendo realizadas. O estudo de caso analisa um programa de disseminação da cultura e ações em prol do empreendedorismo em um dos campi da Universidade de São Paulo denominado Programa Empreendedorismo-Escola (E-E). Baseado em estudo exploratório, o artigo discorre sobre os caminhos trilhados, os atores envolvidos, as práticas implementadas e os resultados obtidos até o presente momento, dando subsídios para uma análise e reflexão teórica e prática sobre o papel e as formas de como uma universidade, frente às suas limitações e oportunidades, pode ensinar, investigar e executar o empreendedorismo em seu ambiente. Tem-se, portanto, que o relato do caminho trilhado e das práticas adotadas contribuem para a demonstração de que a junção de atores-chave, caminhos alternativos e a implementação de diversas práticas paralelas (disciplina aberta, instalação de uma incubadora, formalização institucional de um programa em prol da disseminação de uma cultura envolvendo docentes, discentes e empresas num mesmo ambiente e aplicação de metodologias específicas do empreendedorismo) são capazes trazer impactos sobre o ambiente acadêmico.

**Abstract** Assuming that the university has the essential mission of returning to society the knowledge that it originates, ideas sometimes come from the companies or sometimes from academia, bringing reflections to the tripod of teaching, research and extension of the University, thus boosting, new thinking and actions. This article addresses, through a case study in a Brazilian Public University, the ways in which the entrepreneurship culture has been disseminated and the actions in favor of undertaking the tripod teaching, research and extension that have been performed. The case study analyzes the dissemination program of culture and actions in favor of entrepreneurship at one of the campuses of the University of São Paulo called Entrepreneurship-School Program (E-E). Based on exploratory study, the article discusses the paths, the actors involved, the practices implemented and the results obtained to date, giving subsidies to an analysis and theoretical and practical reflection on the role and the ways of how a university, front of their limitations and opportunities, can teach, research and do entrepreneurship in its environment. In result, there is the report of the path practices that contribute to the demonstration that the addition of key actors, alternative paths and implementation of several parallel practices (open course, installation of an incubator, institutional formalization a program for the dissemination of a culture involving teachers, students and businesses in the same environment and application of specific entrepreneurship methodologies) are able to bring impacts on the academic environment.

## 1 INTRODUÇÃO

Ensino, pesquisa e extensão apresentam-se, no âmbito das universidades públicas brasileiras, como uma das maiores virtudes e expressão de compromisso social. O exercício de tais funções é requerido como dado de excelência no ensino superior, fundamentalmente voltado para a formação profissional à luz da apropriação e produção do conhecimento científico (MARTINS,

2007). As universidades públicas brasileiras, enfrentam, segundo este autor, inúmeros desafios e têm desempenhado ativamente suas funções aliando ensino, atividades criadoras e engajamento social. Responsabilizam-se por mais de 90% da produção da ciência no país, operando decisivamente na construção de sua identidade cultural, científica e tecnológica. Por sua grande importância, tal como acontece nos países culturalmente avançados, o autor afirma que as universidades, mais especificamente,

as atividades nelas realizadas, precisam ser frequentemente analisadas tendo em vista a compreensão das transformações sociais (quais são as transformações em pauta, quais as suas causas e formas de expressão, a serviço do que se colocam, entre outras) e das suas possíveis influências sobre tais informações. Frente aos potenciais impactos que as atividades executadas por uma universidade podem refletir à sociedade e partindo do princípio de que esta mesma universidade tenha como missão essencial retornar à sociedade o saber que dela se origina, por meio de uma busca incessante pela profunda compreensão da realidade social que a comporta, temas por vezes oriundos da sociedade ou por vezes do meio acadêmico, trazem reflexos ao tripé ensino, pesquisa e extensão, impulsionando assim novas reflexões e ações.

Nesse novo paradigma, as universidades passam por um momento de transformação institucional assumindo novos papéis (ETZKOWITZ, 2004) e tendo que firmar-se como um importante ator no ecossistema de empreendedorismo (CHRISMAN; HYNES; FRASES, 1995; BURTON; CLARK, 1998; KIRBY, 2002; ETZKOWITZ, 2004; BARMWELL; WOLFE, 2008; SENÉN BARRO, 2013; GANSEY, 2015). Inserido neste cenário, é acrescido dentre as características das universidades, o necessário apoio sistemático para que seus membros, alunos, pesquisadores e professores possam criar empresas para explorar comercialmente os resultados de suas pesquisas conhecidas como *spin-offs* ou *startups* acadêmicas (RENAULT et al., 2011). Em suma, A Universidade tem como papel preponderante gerar conhecimento e preparar pessoas para atuarem na sociedade (NECK et al., 2004; COHEN, 2005),

Neste contexto, o presente artigo aborda um tema que vem sendo pauta de muitas discussões não somente no meio acadêmico, como também na sociedade em geral, devido, principalmente, segundo Dolabela (2008) aos seus impactos na reestruturação socioeconômica de uma região: o “empreendedorismo”.

A atividade empreendedora é um processo dinâmico que está diretamente ligado à prosperidade das nações, processo pelo qual pode gerar riquezas capaz de provocar profundas transformações sociais, políticas, culturais e econômicas (FARAH, 2008). Neste contexto, discutir empreendedorismo torna-se totalmente atual e relevante. Principalmente, segundo este autor, quanto se trata de empreendedorismo em um país como o Brasil,

que possui altas taxas de empreendedorismo e ao mesmo tempo um índice alarmante de empresas fechando suas operações em um período tão curto.

Neste cenário, onde o empreendedorismo torna-se um conceito relevante e demandado para promoção do desenvolvimento socioeconômico de uma nação, questionam-se quais as ações e caminhos as universidades públicas brasileiras têm seguido para disseminar e praticar este conceito no que tange ao ensino, pesquisa e extensão? O presente artigo apresenta as maneiras pelas quais a cultura do empreendedorismo é disseminada e, as ações em prol do empreender são realizadas por esta instituição, tendo como base o caso do Programa Empreendedorismo-Escola (E-E) da Universidade de São Paulo (USP).

O artigo apresenta inicialmente uma fundamentação teórica com relação ao ensino, pesquisa e extensão como um dos fundamentos metodológicos do ensino superior e aborda os conceitos do que vem a ser empreendedorismo e suas potenciais influências no ensino, pesquisa e extensão da Universidade. A seguir, aborda os materiais e métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. A seção seguinte aponta os resultados da pesquisa por meio do estudo de caso proposto pelo presente artigo, relatando os passos utilizado para a construção do Programa Empreendedorismo-Escola, expondo as experiências vivenciadas por meio da aplicação de projeto piloto dentro de uma unidade da Universidade de São Paulo. A penúltima seção apresenta discussões sobre o cenário analisado por meio do estudo de caso e a última seção apresenta as referências bibliográficas citadas no artigo.

## 2 ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO COMO FUNDAMENTO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Segundo Orso (2004), há duas questões básicas quando o assunto é o tripé da Universidade: a especificidade das Instituições de Ensino Superior (IES) e o seu caráter público. Quanto à especificidade, trata-se do discurso comum onde a Universidade está fundada em três pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão, indissociáveis entre si. Aliás, a própria Constituição Federal, em seu artigo 207, estabelece que “as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira

e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Ou seja, as leis maiores do Brasil, no que se referem à educação, destacam a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão. Especificamente a Lei reforça a ideia de que a finalidade do Ensino Superior é “incentivar a pesquisa”, “comunicar o saber por meio do ensino” e “promover a extensão”. Entretanto, não diz em que condições e de que forma, nem afirma que estas três dimensões educacionais devam ocorrer simultaneamente e de forma indissociada. Como transparece na própria Lei, não é necessário que estas dimensões estejam indissociadas. Assim, para algumas IES, de excelência, estaria reservada a possibilidade de realizar pesquisas, mas a grande maioria ficaria restrita apenas o ensino, isto é, deveriam transformar-se em “grandes escolões de ensino superior”, o que é, segundo Orso (2004, p. 4), um grande equívoco. Quanto à extensão, esta geralmente fica relegada a um segundo plano. Ou seja, estabelece-se uma grande confusão quando se compreende uma dimensão destas dissociada das demais, quer seja no Ensino Superior ou na Educação Básica. Não há nada que impeça que, em qualquer nível de educação, trabalhe-se de forma articulada Ensino, Pesquisa e Extensão.

É nessa regra que ao considerar apenas uma dualidade entre ensino e extensão, a IES ganha, segundo Almeida e Lopes (2014) nos aspectos de levantamento dos problemas sociais, mas perde a pesquisa que é primordial para o processo de extensão. A pesquisa na sua forma geral, é uma das armas mais eficientes para a construção do pensamento crítico, pois quando o discente constrói uma pesquisa, ele, ao mesmo tempo, está suscitando a busca por novas respostas, novas indagações produzem outros desafios a serem discutidos, traz uma nova criticidade construtiva, gerando novas aprendizagens, novo pensamento acadêmico.

Quando a universidade se preocupa só com a relação entre ensino e pesquisa, segundo Almeida e Lopes (2014), ganha avanços científicos e tecnológicos, mas perde a compreensão étnico-político-social da sua própria localidade. Por fim, a universidade que articula apenas a pesquisa e extensão exclui o caráter elementar de uma academia, o ensino. O ensino, por sua vez, garante a disseminação dos resultados do conhecimento produzido e estruturado para novos aplicadores desse resultado.

Mas o conceito de extensão é atribuído à universidade visando viabilizar sua interação com a sociedade. Junto ao ensino e à pesquisa, operacionaliza a relação entre teoria e prática, promovendo a troca entre os saberes acadêmico e popular. Com essa função, passa a ser considerada o compromisso social da universidade, que deverá encontrar-se empenhada no equacionamento das questões que afligem a população, dirigindo seus interesses para as grandes questões sociais do país e às demandas regionais e locais (NOVO; MELLO, 2004). Extensão Universitária é, portanto, o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável, viabilizando a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. É uma via de mão dupla: a comunidade acadêmica encontra na sociedade a oportunidade de praticar os conhecimentos acadêmicos e retorna com o aprendizado daquela comunidade.

No processo acadêmico, a extensão acaba por se distinguir dos demais pelo fato de ela constituir um processo metodológico que permeia por meio da pesquisa, problemas sociais que envolvem a sociedade. A extensão é nada mais do que a Universidade Pública ou Privada interagindo-se com o meio social em que está inserida. A pesquisa, o ensino e a extensão são, portanto, os pilares mais importantes destas instituições. A centralização ou a redução a apenas uma ou outra destas dimensões, no mínimo, representa uma fragilidade da própria instituição.

Partindo do entendimento de que a Universidade, como local gerador de conhecimento, possui papel preponderante no impacto que tais conhecimentos trazem à sociedade, ela deixa, agora, de ser unicamente um local para formação de recursos humanos e administradoras de cursos atuando somente em parte do tripé. A universidade deve então se tornar uma instituição modeladora de comportamento e de habilidades empreendedoras para o necessário desenvolvimento da inovação que gere impactos diretos e positivos para a sociedade (BAGNATO, 2012).

## 2.1 Empreendedorismo: conceitos, origens e influências

Não existe uma definição formal deste termo e há um grande número de pesquisadores de

empreendedorismo, desde administradores até psicólogos, onde cada um deles tem uma visão própria deste conceito, pertinente as suas áreas e origem. Entretanto, 'empreendedorismo' é uma expressão que foi traduzida da palavra inglesa *entrepreneurship*, que, por sua vez, foi derivada do latim *imprehendere*, tendo seu correspondente *empreender*, surgido na língua portuguesa no século XV.

Em 1800, o economista francês Jean Batist Say, considerado o pai do empreendedorismo, utilizou o termo *empreendedor* no livro *Tratado de Economia Política*. Segundo Say (apud DRUCKER, 1987, p. 27), "o empreendedor transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento".

Shumpeter (1959) por sua vez, definiu o empreendedor como sendo o agente do processo de "destruição criativa", entendido como o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos mercados e sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros, revolucionando sempre a estrutura econômica, destruindo sem cessar a antiga e, continuamente, criando uma nova. Tal impulso implica a criação de novos bens de consumo, a adoção de novos métodos de produção ou transporte, o surgimento de novos mercados e as novas formas de organização que a empresa capitalista cria.

Para Shapero e Sokol (1982), o empreendedor é "alguém que toma a iniciativa de reunir recursos de uma maneira nova ou para reorganizar recursos de maneira a gerar uma organização relativamente independente, cujo sucesso é incerto". Drucker (1987) diz que o empreendedor é aquele que cria algo novo, algo diferente, é aquele que muda ou transforma "valores" e, ainda, pratica a inovação sistematicamente, buscando fontes de inovação e criando oportunidades. Kaufmann (1990) enfatiza que a capacidade empreendedora está na habilidade de inovar, de se expor a riscos de maneira inteligente, e de se ajustar às rápidas e contínuas mudanças do ambiente de forma rápida e eficiente. Para Fillion (1999) um empreendedor é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões, além de ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos, mantendo um nível de consciência do ambiente em que vive e utilizando-o para detectar oportunidades de negócios.

Há várias outras definições e não há consenso entre os autores, uma vez que, segundo Hisrich et al. (p.30, 2009) "existem empreendedores em todas as áreas" e desta forma, cada autor observa o empreendedorismo sob seu prisma. Entretanto, segundo tais autores, a que mais parece ser adequada é a de que empreendedorismo é o processo de criar algo novo, assumindo os riscos e as recompensas. Existem empreendedores em todas as áreas e atividades e eles desempenham um papel importante na sociedade, pois trazem inovações, geram emprego e renda para a população, conseguem oferecer atendimento personalizado ao cliente, dentre outros benefícios.

Segundo David et al. (2005), um dos aspectos fundamentais discutidos no empreendedorismo é que todas as pessoas podem desenvolver as características, competências e habilidades para ser um empreendedor de sucesso. Consequentemente, para o desenvolvimento da cultura empreendedora há a necessidade da formação de estudantes que sejam mais autônomos, mais criativos, capazes de liderar e com visão ampla da sociedade. É preciso unir programas de ensino que contemplem o desenvolvimento interpessoal e intrapessoal com atividades que abarquem teoria e prática no que diz respeito à geração de ideias, negociação, desenvolvimento estratégico, desenvolvimento de produtos, tomada de decisões e resolução de problemas. Tal circunstância demanda, segundo David et al. (2005), um conjunto de inter-relações, onde o docente e suas respectivas instituições de ensino têm papel fundamental, exigindo nova postura e metodologia de ensino onde deverá ser um facilitador do processo de produção do conhecimento. Caberá a ele também ser empreendedor para desenvolver e propor novos cursos, programas, pesquisas e extensão. É necessário, também, manter os grupos e iniciativas de alunos empreendedoras próximos a esses docentes e facilitadores.

## 2.2 Origem da Escola Empreendedora e sua influência no ensino, pesquisa e extensão

A Escola Empreendedora nasceu no âmbito da economia. O termo *entrepreneur* foi adotado, no início do século XIX, pelo economista francês Jean-

Batiste Say, para identificar o indivíduo que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento. A intenção era ser um manifesto e uma afirmação de dissensão: o empreendedor perturba e desorganiza.

Schumpeter (1985) foi o primeiro economista de renome a retornar a Say, em 1911, quando rompe com a economia tradicional. Ele postulava que o desequilíbrio dinâmico provocado pelo empreendedor inovador é a “norma” de uma economia sadia e a realidade central para a teoria e a prática econômica. Entretanto, mesmo assumindo que o empreendedor é importante e provoca impacto, para os economistas de um modo geral, o fato de alguém se dispor a empreender é um evento “meta-econômico”, algo que influencia profundamente e molda a economia, sem fazer parte dela. Para Schumpeter, o empreendedor não é necessariamente alguém que investe o capital inicial ou inventa o novo produto, mas sim a pessoa com a ideia do negócio. Ideias são engenhosas, mas nas mãos de empreendedores, se tornam poderosas e lucrativas. Segundo Schumpeter, “novas combinações”, inclusive “fazer coisas novas ou coisas que já são feitas de uma nova maneira” era vital.

Embora o fenômeno do empreendedorismo seja antigo, o debate em torno do tema atingiu relevância, tanto na discussão acadêmica quanto no âmbito de políticas públicas, apenas nos últimos 20 anos.

O ensino de empreendedorismo começou em 1947, criado pela escola de Administração de Harvard (ROCHA; BACCHI, 2010). No caso brasileiro a primeira disciplina de empreendedorismo de que se tem notícia surgiu em 1981, na Escola Superior de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), São Paulo, por iniciativa do professor Ronald Degen. Com o nome “Novos Negócios”, a disciplina foi desenvolvida com base em pesquisas com empreendedores realizadas pelo autor e ministrada de 1981 a 1987” (DOLABELA, 1999, p. 54-55). Outra iniciativa registrada, segundo Dolabela (1999) surgiu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1995, quando iniciou o ensino do empreendedorismo no Curso de Administração com a inclusão no currículo de três disciplinas que contemplaram conteúdos empreendedores e estavam assim distribuídas: no primeiro semestre, a disciplina “Criação e desenvolvimento de novas empresas”; no oitavo semestre, a disciplina “Administração frente a novos cenários mundiais” e,

no nono semestre, a disciplina “Empreendimentos e modelos de negociação”. Após esta data, outras universidades brasileiras vieram adotando, gradativamente, a opção de novos negócios ou empreender como alternativa viável e necessária para se ensinar aos alunos. Em outras palavras, a partir de então, o desafio didático pedagógico da universidade passou a ser o de descobrir formas adequadas de aprendizagem, ampliadoras da divulgação de tais conceitos e divulgado nacionalmente.

Em termos do ensino, nos últimos dez anos o empreendedorismo passou a ser visto como uma das possíveis vias para gerar novos negócios e estimular a criação de empregos (RELATÓRIO GUESSS BRASIL, 2011). Dessa maneira, a formação universitária voltada para desenvolver empregados qualificados não é suficiente. Então, agentes políticos e dirigentes universitários começaram a analisar a importância do empreendedorismo como tema de formação nas universidades (LIMA; RODRIGUES, 2008 apud RELATÓRIO GUESSS BRASIL, 2011).

Assim, pelo fato do empreendedorismo ser considerado como uma possibilidade para o desenvolvimento econômico, o ensino do tema vem sendo inserido nas matrizes curriculares de muitos cursos de graduação, notadamente nos de Administração.

Guerra e Grazziotin (2010, apud RELATÓRIO GUESSS BRASIL, 2011) apuraram a oferta de disciplinas de empreendedorismo e verificaram que nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas há uma oferta maior do que nas IES privadas. Além disso, os autores concluíram que as disciplinas sobre empreendedorismo avançaram para além dos cursos de Administração, contemplando também outras áreas, como Computação, Engenharia, Turismo, Moda, Design, Relações Públicas, Química entre outras.

Hoje, a educação empreendedora tomou proporções respeitáveis em termos de cursos e pesquisas acadêmicas e, segundo Hisrich et al. (2009), é cada vez maior o número de universidades e faculdades que oferecem algum curso em empreendedorismo, sendo possível encontrar estudos que já trataram da questão do ensino do empreendedorismo nas universidades.

Em estudo realizado no Brasil, Rocha e Bacchi (2010) destacam que uma parcela considerável das IES não contemplava o ensino de empreendedorismo e, entre as que ofertavam a disciplina, havia predomínio da aplicação dos processos tradicionais

de ensino, como aulas expositivas e exercícios. Os resultados indicaram uma formação incompleta do sujeito empreendedor ao prevalecerem aulas e recursos excessivamente teóricos.

Em termos de pesquisas científicas, as primeiras investigações no campo do empreendedorismo apareceram na década de 1990, segundo Gil e Silva (2014). Tais pesquisas foram constituídas principalmente por *surveys*, que utilizavam questionários e escalas de atitude para obtenção dos dados. Em 2004, Davidson edita a primeira obra que trata sistematicamente da pesquisa sobre empreendedorismo. Embora reconhecendo a importância da pesquisa qualitativa, esse autor, segundo Gil e Silva (2014), pouco esclarece acerca dessa modalidade de pesquisa, alegando pouca familiaridade com os procedimentos a ela associados. Esse trabalho, que é um dos mais citados nas pesquisas sobre empreendedorismo não trata especificamente dos delineamentos de pesquisa qualitativa e nada informa acerca do método fenomenológico. Mas já se constata uma tendência para investigar o fenômeno empreendedor mediante a utilização de métodos qualitativos.

Lowder (2009) considera que a maioria dos fatores de sucesso empresarial está diretamente relacionada às experiências humanas do empreendedor, e define a abordagem operativa dos atores, que é fundamentada na teoria dos sistemas, como mais adequada para investigação do empreendedorismo. Assim, a metodologia fenomenológica seria a mais bem-sucedida para os pesquisadores que se decidem por essa abordagem, porque proporcionaria recursos para gerar com flexibilidade um conjunto de dados mais rico viável para produzir resultados significativos.

No caso brasileiro, as pesquisas realizadas sob o enfoque fenomenológico no Brasil, segundo Gil e Silva (2014), ainda são em pequeno número. Segundo os autores, que embora seja significativa a quantidade de pesquisas sobre empreendedorismo no Brasil, ainda são poucas as que adotam o método fenomenológico.

Em termos de extensão e das influências e ações com relação ao empreendedorismo, esta talvez seja uma das bases do tripé de entendimento mais imediato ao leitor, pois o empreendedorismo é facilmente identificado como algo relacionado à extensão. Entretanto, não há estudos facilmente encontrados sobre uma análise conjunta dos

trabalhos de extensão em termos qualitativos atrelados aos dados quantitativos.

Neste sentido, não foram identificados estudos que abordassem e, assim, fossem capazes de dar subsídios teóricos ou mesmo práticos ao presente estudo no que tange a entender caminhos trilhados para disseminar e implantar a cultura do empreendedorismo por instituições públicas brasileiras, reforçando assim a contribuição do presente artigo.

Sendo assim, amparado por este estudo teórico, o presente artigo busca apresentar e analisar como uma universidade pública brasileira consegue fazer a conexão entre o ensino, a pesquisa e a extensão em atividades baseadas no tema “empreendedorismo”, afim de que os resultados possam trazer contribuições para uma reflexão teórica e prática sobre o papel da Universidade Pública no desenvolvimento do empreendedorismo brasileiro. Para tanto, o presente artigo busca responder o questionamento: “como disseminar tais conceitos, como unificar e como formalizar tais ações centradas no empreendedorismo dentro de Instituições de Ensino Superior (IES) sob a ótica do ensino, pesquisa e extensão?” Como resposta a esta questão o item a seguir relata os materiais e métodos utilizados para esta investigação.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com relação ao tipo de pesquisa, este artigo está classificado, conforme Gonçalves (2007, p. 66), em quatro aspectos: objetivos, procedimentos de coleta de dados (método de pesquisa ou estratégia principal de pesquisa), fontes de informação e natureza dos dados.

Com relação aos objetivos, este trabalho está classificado como exploratório, que, segundo Gil (2006) proporciona visão geral acerca de determinado fato, em especial se o tema escolhido é pouco explorado e determinam tendências. Complementando, Sellitz et al. (1974) argumentam que estudos exploratórios se aprofundam no conhecimento sobre um tema, favorece um estudo posterior estruturado, esclarece conceitos, estabelece prioridades sobre pesquisas futuras e formula problema futuro para investigação ou

criação de hipóteses. O presente artigo classifica-se, portanto, como exploratório, uma vez que favorece e oferece, por meio de um relato de práticas adotadas, reflexões às futuras pesquisas comparativas sobre o tema. Considera-se o tema deste trabalho exploratório, uma vez que relata conhecimento sobre um tema que necessita ser mais bem explorado em estudos acadêmicos, que é a relação entre o tripé acadêmico e o empreendedorismo em uma Instituição de Ensino Superior Brasileira vivenciado a partir de 2012.

Quanto ao procedimento de coleta, o presente artigo classifica-se como um estudo de caso. O estudo de caso pode ser caracterizado como uma investigação empírica onde os fenômenos são analisados dentro de seu contexto real e o pesquisador não tem controle sobre as variáveis e fatos. Analisa profundamente uma unidade social e requer alta interação do pesquisador com o ambiente e seus atores, a fim de entender a dinâmica entre eles (MARTINS; THEÓPHILO, 2009; EISENHARDT, 1989). O estudo de caso é uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especificamente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes” (YIN, 2010, p. 39). São estudos feitos com a finalidade de detalhar uma determinada situação, a fim de compreendê-la melhor. Sendo assim, o artigo apresenta um estudo de caso único, onde se investigam e relatam os caminhos e as práticas adotadas por uma Instituição Pública Brasileira no que tange ao ensino, pesquisa e extensão do tema empreendedorismo em seu contexto. O estudo de caso analisado e aqui descrito trata de ações concentradas em um programa denominado Empreendedorismo-Escola desenvolvido em um dos campi da Universidade de São Paulo.

Quanto às fontes de informação, este trabalho tem como principal fonte de coleta de dados a pesquisa bibliográfica e documental, mas vale-se também do relato de experiência da autora deste artigo na gestão do programa em questão.

A pesquisa bibliográfica compreendeu uma revisão da literatura sobre os temas objeto deste estudo tendo por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre determinado tema. A investigação documental destina-se à coleta, à análise e interpretação de documentos (projetos, planejamentos, relatórios

técnicos, base de dados da instituição investigada) desde a criação do projeto. A adoção do relato de experiência (ou relato técnico) está fundamentada no argumento de Biancolino et al. (2012), segundo o qual tal abordagem prioriza a experiência profissional e a prática dos pesquisadores sendo, portanto, apropriada para este artigo.

A autora deste artigo encontra-se envolvida na gestão do Programa Empreendedorismo-Escola desde a sua concepção, tendo, portanto, subsídios para discorrer, sobre suas experiências na prática do empreendedorismo implementado em Universidade Pública Brasileira, sob a ótica do tripé acadêmico. A pesquisa é realizada em um dos campi da Universidade de São Paulo (USP), localizado na região leste da capital do Estado. O campus é composto por uma única unidade de ensino – Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) que abriga dez diferentes cursos desde o ano de 2005. Colocado no contexto deste campus, o foco do estudo é descrever a experiência vivenciada em um dos projetos, denominado Programa Empreendedorismo-Escola (E-E) e suas conexões e ações junto ao tripé acadêmico, desde a sua concepção.

Dentre as limitações do tipo de pesquisa adotada, o artigo relata a experiência de um único projeto (Programa E-E) da Universidade de São Paulo, dando margens a futuros estudos onde os mesmos sejam capazes de ampliar o escopo envolvendo outros campi da USP ou, ainda ampliando o estudo para outras universidades públicas brasileiras. Entretanto, apesar da limitação de amostra, os resultados deste trabalho são capazes de demonstrar suas contribuições teóricas e práticas por meio de formas alternativas de se ensinar, pesquisar e praticar o empreendedorismo num contexto de universidade pública a despeito de suas dificuldades e oportunidades.

Com relação à natureza dos dados, este trabalho tem seus dados tratados de forma qualitativa, provenientes de fontes primárias. Segundo Godoy (1995), as pesquisas qualitativas têm o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento principal; sendo descritivo, o significado que as pessoas dão as coisas é a principal preocupação do pesquisador e este uso de enfoque indutivo é utilizado na análise de dados. Na pesquisa qualitativa, há busca pela explicação de uma realidade em termos de conceitos, comportamentos, percepções e avaliação de pessoas, com proximidade

entre o autor e o objetivo de estudo visando entender o seu objeto em sua totalidade. Considerando o objetivo do artigo os dados qualitativos deste estudo darão subsídios para discorrer sobre o objeto de estudo de caso (Programa Empreendedorismo-Escola) de forma a enriquecer a análise dos dados.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cenário de busca pela inovação, em termos mundiais, cada Instituição de Ensino Superior tem se envolvido na concepção do melhor modelo de gestão possível para a promoção e dinamização de conceitos capazes de gerar um ambiente propício ao seu desenvolvimento, sendo o empreendedorismo um dos caminhos naturais para este modelo. Este cenário não é diferente no contexto da Universidade de São Paulo, objeto de estudo de caso deste artigo.

No caso da Universidade de São Paulo, esta instituição é uma universidade pública mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. O talento e dedicação dos docentes, alunos e funcionários têm sido reconhecidos por diferentes *rankings* mundiais, criados para medir a qualidade das universidades a partir de diversos critérios, principalmente os relacionados à produtividade científica.

É neste contexto que este trabalho apresenta os resultados do estudo de caso realizado em um dos campi da Universidade de São Paulo (USP) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Tal estudo retrata o que esta unidade vem realizando em termos de empreendedorismo baseado no tripé acadêmico: ensino, pesquisa e extensão por meio do Programa Empreendedorismo-Escola. A discussão e apresentação do *modus operandi* do Programa E-E oferece um modelo para se demonstrar como praticar o empreendedorismo de uma forma pragmática em universidade pública brasileira.

### 4.1 O Programa Empreendedorismo-Escola

Na busca de iniciar, unificar e formalizar ações isoladas em instituição de ensino brasileira com relação ao empreendedorismo, o presente artigo descreve o Programa denominado

Empreendedorismo-Escola, utilizando-se dos conceitos apresentados na seção anterior.

Empreendedorismo Escola é um projeto, inicialmente criado e desenvolvido por uma docente da Universidade de São Paulo e que desde então vem engajando diversos docentes, alunos e funcionários na causa. Tem por objetivo disseminar a cultura empreendedora pelo campus da EACH-USP. Composto por alunos que visam incentivar e ajudar aqueles que pouco sabem sobre o tema, o projeto vem crescendo continuamente e englobando mais pessoas que tem, ou pretendem ter, uma ideia para colocar em ação e, querem transmitir o que aprenderam sobre empreendedorismo às pessoas que tem sede de inovação e criatividade.

O principal objetivo do Programa Empreendedorismo-Escola é formar, relacionar e ensinar sobre o empreendedorismo, por meio de um processo lógico e sequencial capaz de trazer uma transformação cultural e preparação do empreendedor brasileiro. Secundariamente, visa-se empoderar, motivar e estimular a cultura empreendedora no ambiente universitário junto aos alunos e docentes.

A missão do Programa é: “promover os valores fundamentais para sua vida pessoal e profissional a partir da perspectiva do empreendedorismo” dotando-os de visão sistêmica, responsabilidade e atuação social, e, realizados de forma pessoal e profissionalmente.

Para tanto, os passos utilizados pelo Programa são inspirados nos processos de aprendizagem utilizados pelo empreendedor na vida real. Para se encontrar efetividade didática na área de empreendedorismo é essencial que o ensino seja insistentemente inserido no contexto. Deve-se submeter o aluno pré-empresendedor a situações similares àquelas em que encontrará na prática e manter um ambiente controlado que tolere eventuais falhas, que fazem parte do processo de aprendizado.

O processo de aprendizagem do empreendedor, na pequena empresa, é essencialmente baseado em ações. Segundo Dolabela (2008 apud Gibb, 1992) ele aprende quando soluciona problemas; quando faz sob pressão; quando interage com os pares e outras pessoas; por meio de trocas com o ambiente; aproveitando oportunidades; copiando outros empreendedores; quando pelos próprios erros (considerada uma área em que se podem cometer erros (pequenos) porque há liberdade); e, por meio do *feedback*.

Sendo assim, o Programa estudado está baseado na experiência e aprendizagem vivenciada por docente e alunos a partir do ano de 2008 no campus leste da Universidade de São Paulo.

O campus leste/capital da Universidade de São Paulo, principal local onde as atividades relacionadas a este Programa estão sendo executadas, possui o conceito da interdisciplinaridade em sua essência. Atualmente o campus possui uma única unidade - a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo, composta por 10 cursos das mais diversas áreas que são: Sistemas de Informações, Gestão Ambiental, Lazer e Turismo, Marketing, Obstetrícia, Gerontologia, Ciência da Atividade Física, Gestão de Políticas Públicas, Têxtil e Moda e funciona sem departamentos. Inserido neste contexto e nas características onde a unidade está instalada - Zona Leste da cidade de São Paulo - apresentando aproximadamente quatro milhões e meio de habitantes e tendo a Universidade de São Paulo capacidade de ampliar o acesso da população à sua reconhecida excelência, seja no ensino e na pesquisa, seja nas atividades de extensão, além de poder atender aos desafios da inovação.

Entretanto, o programa transcendeu a dimensão geográfica do campus e começa a atingir toda a Universidade de São Paulo, por meio de uma parceria estratégica com a Agência USP de Inovação, Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) da USP. A Agência tem como missão a promoção da utilização do conhecimento científico, tecnológico e cultural produzido na USP em prol do desenvolvimento socioeconômico do Estado de São Paulo e do Brasil, e essa relação próxima com o Programa Empreendedorismo-Escola amplia as áreas de atuação das atividades para toda a USP e facilita o desenvolvimento de projetos maiores e com maior impacto. Esta parceria deve-se ao fato de que a Agência USP de Inovação assumiu a responsabilidade, desde 2014, de governança das incubadoras e parques tecnológicos da Universidade de São Paulo, sendo a incubadora da USP Leste (Habits) parte do Programa Empreendedorismo-Escola.

O processo de criação do Programa, tendo como premissa o disseminar a cultura empreendedora, o grupo formado inicialmente por 1 docente e 3 alunos de graduação foi se reunindo e promovendo diversas ações capazes de constar a necessidade e o interesse da comunidade acadêmica e socioeconômica local. Passados alguns meses, outros 2 docentes e outros 4 alunos foram envolvidos no grupo. Unindo o *know-*

*how* da equipe envolvida, diversos eventos (cursos, palestras e treinamentos) foram oferecidos na unidade, além da força tarefa executada para geração de projeto, aprovação de fomento, construção da obra e início das atividades da Incubadora Tecnológica e Social (Habits – Incubadora-Escola) da Universidade de São Paulo, campus leste.

Entretanto, todos estes acontecimentos ocorriam, até 2009, de forma isolada, baseados no empenho de docentes, individualmente trabalhando. Este cenário não integrado de ações fez com que a docente, autora deste artigo, criasse, envolvesse outros docentes e formalizasse, os passos em um único Programa, capaz de unificar todas as ações de empreendedorismo que fossem geradas no campus, fazendo com que o Programa Empreendedorismo-Escola fosse desenhado e, posteriormente, institucionalizado no campus.

No item a seguir, são descritos os passos utilizados pelo Programa Empreendedorismo-Escola, vivenciados pela instituição de Ensino em questão, para a disseminação de uma cultura empreendedora em uma instituição de ensino, fazendo com que a mesma fique notoriamente mais processual, fortalecida, eficaz e eficiente.

## 4.2 Passos propostos pelo Programa Empreendedorismo-Escola

Os passos propostos pelo Programa Empreendedorismo-Escola visam apresentar seu *modus operandi* e demonstrar suas ações ligadas ao empreendedorismo do tripé ensino, pesquisa e extensão em um único programa denominado Programa Empreendedorismo-Escola.

De forma geral, o programa busca atender ao tripé acadêmico (ensino, pesquisa e extensão) contextualizando suas ações, onde ensino é traduzido como um núcleo de disseminação das práticas e teorias do empreendedorismo; a pesquisa considerando o empreendedorismo como uma ciência; e a extensão como um núcleo de ações de empreendedorismo por meio da cultura e extensão da universidade de São Paulo. O Programa está hoje formado, portanto, em termos de três etapas necessárias e insubstituíveis, pois dão notoriedade e solidez para a base do Programa funcionar adequadamente, que são: ensino, pesquisa e extensão.

No que tange ao ensino, entre os 10 cursos da unidade há 3 deles que oferecem disciplinas voltadas para o ensino do Empreendedorismo na graduação, sendo que outros cursos estão buscando reformular seus currículos para incluir tal conteúdo em sua grade curricular. Entretanto, sabendo da demanda de vários alunos em se aprofundar no tema, uma das docentes do curso de Sistemas de Informações oferece a disciplina de Empreendedorismo aberta a todo aluno da EACH, desde o ano de 2009. Tal disciplina oferece um formato diferente e que vêm despertando uma demanda por parte dos alunos cada vez maior: aproximação da prática do que é ser empreendedor do aluno. Cada aula é dividida em parte teórica e palestra de empresário dos mais diversos segmentos. Manter semanalmente ativa uma rede de contatos de empresários com experiências de sucesso e fracasso, e ainda, dispostos a vir, gratuitamente, divulgar suas experiências no âmbito da Universidade, não é algo corriqueiro e normal no âmbito da interface universidade-empresa, demonstrando valor agregado ao curso. Tem-se hoje 775 já formados somente nesta disciplina, com mais de 90 palestras e 08 prêmios nacionais alcançados como resultados dos trabalhos dos alunos, dentre eles: aceleração pela Fundação Lemann/Encontre um Anjo; Liga dos Campeões/Endeavor; aceleradora SEED/MG; Mulheres 50+ em rede; selecionados como finalista no: StartupFarm; CampusParty; e, Prêmio Santander. Em termos de prêmios internacionais alunos da disciplina também foram contemplados com o primeiro lugar no Concurso Imagine Cup e Climatón (aguardando final do concurso).

Além da sala de aula, a incubadora também oferece aos alunos envolvidos com alguma de suas iniciativas listadas neste artigo, alguns treinamentos sob a carreira empreendedora de forma gratuita. Alguns dos treinamentos são: metodologias de empreendedorismo; noções de contabilidade, marketing e comunicação; gestão de projetos; design; entre outras.

Em termos de pesquisa, algumas das atividades executadas pelo Programa Empreendedorismo-Escola estão descritas a seguir. A partir das ações do Programa E-E foram criados 2 grupos de pesquisas devidamente cadastrados na plataforma do CNPq. O primeiro deles é denominado GEHI (Grupo de Estudos em Habitats de Inovação) e ao segundo foi dado o nome de NEI (Núcleo de Empreendedorismo e Inovação). Ambos possuem alunos de graduação

e de pós-graduação cadastrados, assim como docentes da USP e de outras instituições e buscam investigar sobre os mais diversos temas ligados ao empreendedorismo e inovação.

Há também trabalhos de graduação e pós-graduação ligados ao tema Empreendedorismo sendo investigados. Os docentes envolvidos em tal Programa incentivam os alunos a trabalharem suas ideias sob a forma de pesquisa; sugerir pesquisas em graduação e pós-graduação relacionadas ao tema empreendedorismo, entre outros. No Programa E-E tem-se atualmente 6 bolsistas de iniciação científica, mas desde 2010 mantem um fluxo de bolsas de 4 alunos ano. Em termos de pós-graduação, o Programa conta hoje com 2 alunos de mestrado que estão gerando pesquisas na área.

No que tange à extensão o Programa E-E possui as ações descritas a seguir. A primeira ação e mais representativa em termos de impacto e visibilidade é a idealização de um projeto para a construção de uma Incubadora no campus. O desenho de tal ação começou ainda em 2008 quando da entrada de uma das docentes para a Universidade de São Paulo. A partir da escrita de um projeto, o mesmo necessitava de um espaço. Após submissão do projeto a um edital público, a viabilização do espaço para abrir a incubadora foi iniciada. Tendo como foco a inovação tecnológica e social, a Habits – Incubadora-Escola é a primeira incubadora 100% USP, totalmente regulamentada sob as normas da procuradoria da USP, construída com verba governamental por meio de seleção via edital público e com apoio da direção da unidade da USP Leste (EACH) a partir do ano de 2009. Importante frisar ainda que ela se tornou modelo por sua vertente social, onde projetos devem ser sustentáveis, mas que obrigatoriamente devam dar retorno imediato para a sociedade. Com suas atividades iniciadas em 2012, a Habits Incubadora-Escola tem como missão “apoiar projetos com base tecnológica (ou não), mas que tenham foco social, até que se tornem autossustentáveis”. Para isso, a Incubadora conta com o suporte de professores da USP Leste, sob a governança da Agência USP de Inovação e apoio da diretoria da EACH – USP. Desde então, a Incubadora vem sendo o local de referência para iniciativas sobre empreendedorismo e inovação no campus. Possui capacidade para abrigar 15 empresas, sendo estas selecionadas por meio de edital público. O projeto foi iniciado com 6 empresas piloto, onde 3 delas saíram por não se enquadrarem e 3 permaneceram. Uma delas foi recentemente

considerada graduada, por já atingir o montante acima de 1 milhão de reais e podendo competir no mercado sem a necessária estrutura de uma incubadora. Atualmente há 10 empresas incubadas.

Outra ação que o Programa E-E abriga é o espaço criado denominado Ateliê de Ideias. Trata-se de um ambiente aberto a alunos interessados em empreender e testar suas ideias. É um ambiente de *coworking* onde os alunos e potenciais empreendedores podem se encontrar para amadurecer suas ideias afim de se candidatarem para investimentos ou mesmo em processo de incubação. Este ateliê funciona dentro da Incubadora e tem grande rotatividade de alunos e convidados que enriquecem o ambiente. Iniciado em 2013 com alto índice de utilização. Desde o ano de 2013, a cada quarta-feira da semana, sempre no final do dia tem-se as chamadas Rodadas de *Pitch*, onde uma ideia de um potencial empreendedor é exposta ao público presente, no intuito de ajudá-los na validação de ideias, no próprio desenvolvimento do *pitch* e lhe auxiliar mostrando caminhos alternativos em seus negócios, tendo professores, empreendedores e profissionais na área participando das rodadas.

O Laboratório (LabEE) que funciona como uma pré-incubação é outra atividade de extensão em prol do empreendedorismo na universidade. O laboratório possui um sistema rotativo, estilo bancada onde alunos podem se inscrever em busca de um espaço para desenvolver suas ideias de forma concentrada e ainda, podem utilizar o espaço conjunto da incubadora e assim ter mais proximidade com o dia a dia de um empresário. Há 15 vagas neste projeto de bancada iniciado em julho de 2015 e vem sendo utilizado desde então aplicando metodologia desenhada especificamente para esta fase de pré-incubação.

O Hub de Estudantes Empreendedores (HubEE) também é outra ação que advém do Programa E-E. O HubEE é um grupo de alunos que tem a missão de ajudar, ensinar, aprender e fomentar o empreendedorismo na USP Leste por meio de conversas (*talks*) com empreendedores, *workshops* (*hands on!*) e *brainstorming's*. Todas as ações são voltadas para o desenvolvimento dos negócios dos atuais ou potenciais empreendedores. Nos *Talks*, promove-se o intercâmbio entre empreendedores que já estão no mercado e os que estão no início de seus negócios, inspirando-os com histórias de acertos e fracassos ou discussões sobre temas específicos. Nos *workshops* o intuito é fornecer conhecimentos

práticos de ferramentas e metodologias legais para serem aplicadas no desenvolvimento de novos negócios e gerar inovação. Os *brainstorming's* são sessões promovidas com o intuito de discutir temas pré-estabelecidos e desenvolver as ideias dos empreendedores. É a forma dos alunos engajados com empreendedorismo dar apoio personalizado de forma colaborativa, mas também participarem ativamente dos eventos fora e dentro do meio acadêmico, com marca própria e sendo interlocutores frente aos alunos do campus no que tange a inovar e empreender. Com essas ações aqui citadas, promovem a criação de um ambiente empreendedor dentro do Campus Leste da Universidade de São Paulo sendo coordenados pelo Programa E-E. Desenvolvem suas atividades na Habits - Incubadora Tecnológica e Social da USP Leste, dentro do Ateliê de Ideias. Dentre os membros ativos atuais do HubEE tem 3 alunos responsáveis e mais 5 novos membros; 5 bolsistas do Programa E-E também compartilham deste espaço, e outros 3 ex-alunos da EACH e membros do HubEE foram se concentrar nas suas *startups*, mas ajudam no grupo dando ideias e fazendo ponte com outros empreendedores.

Em suma, dentre os aspectos positivos gerados pelo Programa Empreendedorismo-Escola, além dos 775 alunos formados por meio da disciplina e apoio às 11 empresas incubadas, este já desenvolveu e deu apoio à mais 70 edições de eventos, palestras, *workshops*, e ainda, dentro deste cenário de inovação foram mais de 15 negócios que surgiram ou passaram por esse ambiente, sendo que 10 negócios já ganharam prêmios nacionais e internacionais e participaram de processos de aceleração ou incubação. Só em 2015, foram 5 edições em pouco mais de um mês, desde que as atividades foram retomadas na Incubadora, com participação de mais de 80 alunos e empreendedores. De forma geral, o Programa impactou mais de 2000 pessoas com as histórias dos empreendedores dos mais variados mercados. Para que todo este ambiente em torno do Programa E-E ocorra há o envolvimento de dois bolsistas de mestrado (um do mestrado acadêmico e outro do mestrado profissional em empreendedorismo); cinco bolsistas fomentados por meio da aprovação de projetos de iniciação científica; um funcionário cedido pela direção da unidade e vários alunos voluntários, sendo oito do HubEE. Frente a este cenário, torna-se importante ainda relatar que o Programa é formalmente

aprovado pela Comissão de Cultura e Extensão da unidade da USP Leste desde 2009, tendo recebido menção honrosa por parte da Pró-reitoria de Cultura e Extensão no ano de 2013 por conta de seus resultados alcançados.

Por meio do exposto torna-se possível demonstrar que as atividades para formar e fomentar o empreendedorismo e estimular a inovação já estão presentes na USP Leste e que há canais de relacionamento estabelecidos.

## 5 DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado em estudo exploratório, o artigo discorre sobre os caminhos trilhados, os atores envolvidos, as práticas implementadas e os resultados obtidos percorridos anteriormente até o presente momento, dando subsídios para uma análise e reflexão teórica e prática sobre o papel e as formas de como uma universidade, frente às suas limitações e oportunidades pode ensinar, investigar e executar o empreendedorismo em seu ambiente.

Tais análises contribuem para que o artigo apresente considerações demonstrando, primeiramente, que a articulação e junção de diversos atores (docentes, alunos, apoio institucional e fomento governamental) são fundamentais para que a disseminação da cultura do empreendedorismo ocorra numa escala apropriada. Além da conexão entre os atores-chave, a implementação, em paralelo, de diversas práticas no âmbito do ensino, pesquisa e extensão (demonstrados no item anterior deste artigo) são capazes de integrar conceitos e metodologias teóricas e aplicadas voltadas para o desenvolvimento de um ambiente empreendedor. O artigo ainda vem preencher uma lacuna sobre a escassa literatura sobre a forma como as universidades de países em desenvolvimento, como é o caso brasileiro, praticam o empreendedorismo sob a ótica do tripé acadêmico, demonstrando a importância dos resultados apresentados neste artigo para a academia.

Sendo assim, a experiência e análises sobre a importância de tais ações serem iniciadas, unificadas e formalizadas dentro das instituições de ensino brasileiras, demonstrando como tal estudo de caso pode ser utilizado como referência para outros campi alcançar resultados satisfatórios de ações que atuem nas três bases prioritárias do tripé acadêmico.

Frente a este cenário algumas considerações tornam-se possíveis no que tange a conexão entre o empreendedorismo e suas ações no tripé acadêmico de uma Instituição de Ensino Superior (IES).

No que tange ao ensino, a introdução de disciplinas que abordem o tema empreendedorismo ao currículo acadêmico, deve estar em pauta nas IES, pois como afirma Dolabela (2008), tem um caráter considerado revolucionário já que acresce à vocação tradicional de formação de empregados e acadêmicos, àquela do empreendedorismo, também adequada aos novos formatos das relações de trabalho decorrentes da reestruturação da economia mundial. Tal ensino pode significar uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser e para isto pode utilizar-se de diversos recursos não comuns dentro da academia, principalmente na maior proximidade entre os alunos e os empresários. A possibilidade de ensinar ao aluno que ele tem capacidade para se tornar um gerador de empregos torna-se algo relevante a ser considerado pelas instituições. As mudanças organizacionais, tecnológicas, econômicas, culturais e sociais sugerem, portanto, que a educação também transforme seu modo de pensar e aprender o mundo. Desta forma, a sociedade deve verificar se não está vivendo num novo paradigma do setor educacional.

Com relação à pesquisa, o empreendedorismo deixa de ser somente uma prática para se tornar numa linha de estudo que contempla inúmeras variáveis com potencial de serem exploradas, indo desde o lado comportamental abordado pela linha dos estudos behavioristas, como também pela linha das abordagens dadas pelos economistas vendo o empreendedor como um reflexo de um desenvolvimento econômico capaz de gerar impactos na sociedade.

Sobre o lado da extensão esta é a abordagem de mais fácil entendimento sobre a proximidade do empreendedor com o mundo externo a uma IES. Mas a ação de extensão deve estar atrelada junto às outras duas bases do tripé acadêmico, pois caso contrário terá um viés tendencioso para o mundo externo e não dando assim, oportunidades aos alunos e pesquisadores de contribuir com o enriquecimento dos conhecimentos acerca do tema “empreendedorismo” e não integrando o tripé como reflexo de potencial inovador para a sociedade.

Em suma, a universidade, em seu sentido mais profundo, não deve ser entendida apenas como um órgão formalizador de profissionais, que prestará serviço à sociedade, mas sim, como uma entidade formalizadora de conhecimentos onde o ensino, a pesquisa e a extensão devem ser seus fundamentos metodológicos em prol do empreendedorismo e analisar quais as ações e caminhos possíveis pelas universidades públicas brasileiras para disseminar e praticar este conceito.

Por meio do exposto neste trabalho torna-se possível demonstrar que as atividades para formar e fomentar o empreendedorismo podem ser realizadas em qualquer instituição de ensino brasileira, demonstrando a possibilidade de estender suas atividades à contribuição de outras instituições de ensino além da Universidade de São Paulo, como já exposto.

Portanto, as ações desenvolvidas neste programa são aquelas que compõem atividades relacionadas a uma transformação cultural e preparação do ambiente para formar alunos para ser um empreendedor brasileiro.

O artigo apresenta portanto, resultados baseados em revisão teórica, análise documental e estudo de caso, capazes de aferir que a Universidade Pública, a despeito de suas limitações e oportunidades, pode e deve dispor de um ambiente altamente preparado para a realização da disseminação, formação e relacionamento entre empreendedores e onde o tripé ensino, pesquisa e extensão são capazes de caminhar juntos e trazer inúmeros benefícios – em termos de soluções construídas em conjunto - ao contexto socioeconômico da região onde estão inseridos.

Como resultado deste estudo exploratório, recomenda-se o desenvolvimento de estudos mais abrangentes, que considerem múltiplos casos afim de se criar condições para que as novas perspectivas de ensino, pesquisa e extensão sejam implementadas a partir da comparação de experiências distintas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joabe Rocha de; LOPES, Francisco Rogério Barbosa. A docência no ensino superior: a construção do conhecimento e a necessidade das práticas de pesquisas e extensão. **Rev. e-Gaia Conhecimento**, v. 1, n. 1, 2014.

ANDERSON, Alistair R.; STARNAWSKA, Marzena. Problems of definition, description and meaning. **The International Journal of Entrepreneurship and Innovation**. v. 9, n. 4, p. 221-230, 2008.

BAGNATO, Vanderlei Salvador; PERUSSI FILHO, Sérgio; BARRIOUNUEVO, Wilma Regina. Inovação: Da teoria à prática. Caminhos da **Inovação**. São Carlos, Compacta Gráfica e Editora: 2012.

DAVID, Denise Elizabeth Hey; ROVEDA, Marcus Vinícius ; REDIVO, Rosânio Bortolato; GAUTHIER, Fernando Álvaro Ostuni; COLOSSI, Nelson; FRANZONI, Ana Maria Benciveni. **Aspectos pedagógicos no Ensino do Empreendedorismo**. 2005. Disponível em: [http://www.daeln.ct.utfpr.edu.br/~denisedavid/artigos\\_textos/aspectospedagogicos.pdf](http://www.daeln.ct.utfpr.edu.br/~denisedavid/artigos_textos/aspectospedagogicos.pdf)

DRUCKER, Peter F. **Inovação e Espírito Empreendedor** – Entrepreneurship. 6ª ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Editora de Cultura, 2008.

EISENHARDT, Kathleen M. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**. v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

FARAH, Osvaldo Elias; CAVALCANTI, Marly; MARCONDES, Luciana Passos. **Empreendedorismo Estratégico: criação e gestão de pequenas empresas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

FILION, L.J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração de empresas da USP**. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 05-28, abril/jun. 1999.

GIL, Antonio Carlos; SILVA, Suely Percinio Moreira. O método fenomenológico na pesquisa sobre empreendedorismo no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**. v.17, n. 41, p.99-113, 2015.

GOMES, Myller Augusto Santos; PEREIRA, Fernando Eduardo Canziani. Hélice tríplice: um ensaio teórico sobre a relação universidade-empresa-governo em busca da inovação. v.4, n.8, p.136-155, mar/jun. 2015. Disponível em: <<http://stat.ijkem.incubadora.ufsc.br/index.php/IJKEM/article/view/3309/4071>>

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 4. Ed. – revisada e atualizada. Campinas: Editora Alínea, 2007.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael, P.; SHEPHERD, Dean A. **Empreendedorismo**. 7ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

KAUFMANN, L. **Passaporte para o ano 2000: como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora**

para crescer com sucesso até o ano 2000. São Paulo: McGraw-Hill, 1990.

MARTINS, Lucia. Oficina de Estudos Pedagógicos, São Paulo, 2007b. Disponível em: <[http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/07\\_03\\_2014\\_218/2\\_-ensino\\_pesquisa\\_extensao.pdf](http://www.umcpos.com.br/centraldoaluno/arquivos/07_03_2014_218/2_-ensino_pesquisa_extensao.pdf)>

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ORSO, José Paulino. Ensino, pesquisa e extensão na universidade. Coleção Sociedade, Estado e Educação, p.135, 2004. Disponível em: < <http://projetos.unioeste.br/pos/media/File/educacao/Coletanea%20-%20Volume%202.pdf#page=135>>

OSTERWALDER, Alexander. **Inovação Em Modelos de Negócios** – Business Model Generation. Editora Alta Books , 2011.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos, H.; LUCIO, Pilar B. **Metodologia de pesquisa**. 3 ed., São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. 2ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SHAPERO, A., SOKOL, L.. The social dimensions of entrepreneurship. In C. Kent, Sexton, D., Vesper, K. (Ed.), **Encyclopedia of Entrepreneurship**: 72-90. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall, Inc. 1982.

TIMMONS; Jeffry A.; DORNELAS, José Carlos Assis; SPINELLI, Stephen. **A criação de novos negócios**: empreendedorismo para o século 21. Editora Campus, 2010.

YIN, R.K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman. 2010.